

# O PRESENTE DO PASSADO: O EGITO NO BRASIL

PEDRO PAULO A. FUNARI<sup>1</sup>  
RAQUEL DOS SANTOS FUNARI<sup>2</sup>

**Resumo:** O artigo considera a Arqueologia como um produto da interação social e discute como a materialidade do Antigo Egito tem sido importante para a construção da identidade nacional no Brasil. Começa por uma discussão teórica. Uma abordagem pós-moderna permite entender o contexto social dos usos da Arqueologia. Volta-se, em seguida, para a trajetória das antiguidades egípcias e da egiptomania no Brasil, desde o século XIX, destacando o papel de alguns movimentos culturais, como o espiritismo. O uso de temas egípcios relaciona-se às desigualdades sociais, como o racismo e o machismo. Um estudo de caso vem em seguida, estudando as tendências recentes nos livros didáticos, em suas menções ao Egito antigo, em particular, como sua materialidade pode ser útil para desafiar as desigualdades sociais no passado e no presente. O artigo conclui-se ao propugnar abordagens inovadoras e críticas para o uso dos temas egípcios antigos no Brasil. **Palavras-chave:** Antigo Egito; identidades no Brasil; desigualdades sociais; racismo; machismo; materialidade.

## INTRODUÇÃO

Este artigo retoma questões que estavam presentes na revista *Hélade* quando um de nós publicou *Abordajes Arqueológicas de la Vivienda Doméstica en Pompeya: Algunas Consideraciones* (2000) e *A Importância de uma Abordagem Crítica da História Antiga nos Livros Escolares* (2001). Em particular, retoma como o presente retoma aspectos do passado, em diferentes contextos. A escolha do tema egípcio constitui, ainda, uma homenagem póstuma ao professor Ciro Flamarion Santana Cardoso, númen tutelar dos estudos historiográficos, em particular em relação ao mundo antigo. Será, pois, um tributo *in memoriam* do mestre da Universidade Federal Fluminense, e com o qual os autores compartilharam tantos momentos acadêmicos.

Teorias arqueológicas saíram de uma “perda de inocência” (CLARKE, 1973) para um claro engajamento político com as preocupações dos dias de hoje. Uma vez que a Arqueologia é o produto de forças sociais particulares e é socialmente contextualizada, este artigo discute que ao se avaliarem as origens do conhecimento é importante se considerar o contexto das idéias a respeito do passado

<sup>1</sup> Professor titular do Departamento de História, IFCH. Unicamp.

<sup>2</sup> Professora Colaboradora do Departamento de História, IFCH. Unicamp.

e do presente. A noção da “invenção do Brasil” foi amplamente estudada por várias gerações, mas pouca atenção foi dada ao papel do Egito nesse processo. O Egito, no entanto, tem ocupado um lugar de destaque na imaginação dos brasileiros desde pelo menos 1822, o começo do estado nacional. A influência do Kardecismo e do Espiritismo, no século XX, contribuiu para o apelo popular do Egito, bem como a contínua influência da Maçonaria. O Antigo Egito é a matéria mais popular da escola no Brasil: mais do que qualquer outra civilização, período ou tema histórico. Livros didáticos dão atenção especial ao Antigo Egito e, em especial, para os feitos da era faraônica. No Brasil, bancas de jornal vendem revistas semanais que tratam do Egito Antigo, comprovando o grande apelo popular do assunto.

Como Ucko (1995, p. 16) sugere, desde os primórdios dos anos de 1980 e da fundação do Congresso Mundial de Arqueologia, a ficção de uma ciência arqueológica objetiva e factual desvaneceu. Uma polifonia mundial de vozes e perspectivas teóricas também tem sido amplamente reconhecida (GAMBLE, 1995, xvi). Nenhum arqueólogo pode agora separar-se de seus dados, já que narrativas arqueológicas sempre comprometem essa distinção. Além disso, nenhum arqueólogo pode permitir-se ignorar interpretações anteriores das evidências e é cada vez mais aceito que o arqueólogo, por sua narrativa, esteja envolvido, de maneira profunda, com toda representação do passado. Ao se explorar como representamos a relação entre nós e o passado, devemos nos ver como criadores do passado em sua materialidade (MUNSLOW, 1997). Foucault (1984, p. 50) estabeleceu que:

The critical ontology of ourselves has to be considered not, certainly, as a theory, a doctrine, nor even as a permanent body of knowledge that is accumulating; it has to be conceived as an attitude, an ethos, a philosophical life in which the critique of what we are is at one and the same time the historical analysis of the limits that are imposed on us and an experiment with the possibility of going beyond them.

As palavras de Foucault ressoam com o lema Sócrático, “a vida não refletida não vale a pena viver” (PLATÃO, *Apologia*, 38a). Também não é muito

diferente da advertência de Clarke (1973) a respeito da “perda de inocência”. A Arqueologia, assim como outras ciências sociais no momento em que rompem com as verdades feitas, entraram na condição do pós-moderno negando o natural como um modelo de explicação (FOUCAULT, 1991, p. 76; HAMILTON, 2003, p. 154). Consequentemente, se não há uma verdade infalível, então o arqueólogo nunca deve reivindicar sua visão e interpretação como as únicas e naturais maneiras de contar a história (ARNOLD, 2000, p. 93; HINGLEY, 2008).

Narrativas arqueológicas sempre são subjetivas, e enraizadas em valores sociais e culturais (AUGÉ & COLLEYN, 2004, p. 118). Cada vez mais, a disciplina arqueológica reconhece que o conhecimento arqueológico não pode ser neutro ou apolítico, por virtude da sua natureza como tarefa humana (VEIT, 1989, p. 50) e que os trabalhos arqueológicos devem resultar em uma motivação para o desenvolvimento do pensamento crítico (VARGAS & SANOJA, 1990, p. 53). A observação de que os arqueólogos produzem a evidência que irá se tornar conhecimento, “*sein Wissen ist – wie noch sagt – cognito ex datis*” (KITSTEINER, 1997, p. 6), também foi aceita no Brasil. No entanto, também foram as palavras irônicas de um pioneiro arqueólogo francês que vem trabalhando no Brasil desde a década de 1960: “*tout ce que l’ont fait ou trouve est nouveau ce qui n’encourage ni à l’autocritique, ni à fuir la routine*” (“tudo que fazemos e achamos é algo novo no contexto brasileiro, de modo que isto não encoraja as pessoas a serem auto-críticas e, de fato, desencoraja a busca de novos caminhos”) (PROUS, 1994, p. 11).

A Arqueologia tem sido usada para forjar identidades nacionais e reforçar ditaduras na Europa (LEGENDRE *et al*, 2007; GALATY & WATJINSON, 2006; FUNARI, 2008), assim como na América Latina (FUNARI *et al*, 2009). Neste artigo seguimos os passos de Peter Ucko (2003, v) ao examinar a mudança de apropriações do Antigo Egito no Brasil ao passar do tempo (BAKOS, 2003). “Egiptomania” - a reciclagem e reinvenção dos ícones e imagens egípcias - têm sido um campo de pesquisa ativo há uma série de anos (e.g. HUMBERT, 1994; FAZZINI,

1996; SHAW, 2004, p. 137-159), e a “invenção do Brasil” se tornou também tópico de pesquisa por várias gerações (e.g. MONBEIG, 1976; DROULERS & BROGGIO, 2005). No entanto, é interessante notar que, pouca atenção foi dada para a relação entre a Egiptomania e a invenção do Brasil. Com este artigo nós pretendemos fechar esse buraco, e desta maneira exploramos o papel do Egito para a invenção do Brasil e dos brasileiros.

## ANTIGO EGITO NO BRASIL

O Egito tem estado na mente dos brasileiros desde pelo menos 1822, no começo do estado nacional (BAKOS, 1996; 1998; 2004; SABALLA, 1998). Em 1808 a Casa Real Portuguesa transferiu a capital do império para o Rio de Janeiro na sua vinda ao Brasil, para evitar o poder Napoleônico na Europa. O Brasil foi elevado à condição de Reino Unido de Portugal, e assim cidades como Algarves e o Rio de Janeiro receberam ostentação de instituições imperiais, incluindo o Museu Nacional (KITECHENS & BELTRÃO, 1990).

Em 1822 Dom Pedro I (filho de Dom João VI), herdeiro do trono português, proclamou a independência do Brasil, mas manteve a maior parte das instituições imperiais como coluna vertebral da nova nação. O Museu Nacional foi modelado com base em outros museus imperiais europeus e Dom Pedro I decidiu colocar as antiguidades egípcias na parte central da coleção do museu, isso servia como um sinal das pretensões imperiais para o novo país. Durante o Período Imperial (1822-1889) antiguidades egípcias eram um forte sinal das ambições universais da realeza brasileira, para eles, o Egito representava a primeira e mais duradoura civilização, exatamente como a derradeira origem do Brasil. O Egito faraônico era uma teocracia estável com poder forte e centralizado nas mãos do Faraó, que era considerado um Deus (FUNARI, 1997; 1999; GRALHA, 2002; 2005) - certamente um louvável modelo aos olhos da realeza brasileira.

Embora o imperador brasileiro não fosse Deus, ele governava como o único e supremo representante de Deus no Novo Mundo, um governante abençoado

diretamente pela Igreja Católica. A importância da conexão egípcia é ressaltada pelo fato de que Dom Pedro I ordenou a compra, em um leilão, de uma coleção inteira de antiguidades egípcias, que iriam se tornar a parte central do Museu Nacional, no Rio de Janeiro. Além disso, Dom Pedro I havia escrito a constituição brasileira sozinho – ignorando o propósito dos representantes no parlamento – e ele introduziu à constituição um quarto poder: o “Poder Moderador”, que era ditado pelo próprio Imperador e que supera o clássico trio dos poderes legislativo, judiciário e executivo. Ainda que talvez não diretamente inspirado pela experiência egípcia, os eternos egípcios serviram para legitimar estas ostentações imperiais de poder.

As elites imperiais brasileiras trocaram experiências através de encontros maçons e isso contribuiu para a disseminação do estilo egípcio em geral, mas principalmente pela adoção de estilos egípcios na arquitetura (BAKOS, 2003). Embora o Brasil fosse oficialmente um país católico (e outras religiões não eram reconhecidas), a elite imperial mantinha relações com os maçons, para eles as iconografias egípcias tinham um papel central. Durante o período imperial, a influência do estilo egípcio não atingia pessoas comuns, já que a maioria dos habitantes do país eram escravos, analfabetos, camponeses pobres e trabalhadores.

A Era Republicana (que começou em 1889) trouxe uma série de mudanças na sociedade, uma das mais significantes, a criação da educação primária para um público mais amplo. O foco no Egito Faraônico continuou no Museu Nacional, e o mesmo foi introduzido nos textos de livros escolares como a primeira e raiz da civilização ocidental. Uma clara mensagem de que a História começa com o Egito.

A supremacia do Egito no Brasil foi novamente enfatizada através de uma comparação de suas influências com a influência da comunidade brasileira negra no século XVII, o Palmares. Livros escolares dedicam apenas em média meia página para Palmares e é geralmente um único parágrafo. Isto, apesar de Palmares ser herança nacional e seu líder, Zumbi, ser considerado oficialmente herói nacional. Em contraposição livros escolares dão atenção especial

para o Egito Antigo, e em especial para o que são consideradas seus maiores feitos e lendas míticas: a construção das Pirâmides e outros monumentos, suas misteriosas religiões e seu sucesso em produzir lucros. Todos os livros de história para os estudantes de 11 anos (sexta série) têm um capítulo de dez páginas dedicadas a civilização egípcia. Livros escolares do ensino médio para estudantes de 16 anos também dedicam pelo menos um capítulo inteiro para o Egito (FUNARI, 2004). Com base nessa comparação nós supomos que a resistência negra é desta maneira, pelo menos vinte vezes menos relevante do que o Egito como matéria em um livro de ensino (FUNARI & CARVALHO, 2006).

Apesar desse intenso interesse em tudo que é egípcio, é interessante notar que o Egito após os Farós é completamente ignorado. Este também é o caso em qualquer lugar no Mundo Ocidental. O período árabe representa o fim do Egito Antigo e conseqüentemente no fim do interesse brasileiro no Egito. Devido às razões históricas, contudo – tanto mais que Portugal havia sido dominada por árabes por vários séculos e que ambas, cultura material e lingüística, provém dessas raízes árabes – o esquecimento do Egito árabe é revelador. Em parte isto se deve a perseguição da cultura árabe pela hierarquia católica oficial em ambos, Portugal e Brasil. O Antigo Egito é representado no Brasil como desenraizado de seu contexto histórico, como se não houvesse relação entre duas civilizações completamente diferentes no Vale do Rio Nilo: os antigos egípcios e depois deles os árabes.

É a mesma exclusão da História aceita no Brasil, um país considerado sem relações com culturas e habitantes nativos antes da chegada da chegada dos portugueses. Alunos no Brasil tem muito mais informações sobre o Egito Antigo do que sobre os habitantes indígenas do país. Pré-História ainda é um assunto sem muita atenção em livros didáticos e a maioria dos professores não estão treinados para lidar com isso. Todos os professores que estão se formando no Brasil estudam as antigas civilizações como o Egito, mas a Pré-História raramente é mencionada. O antropólogo brasileiro Carlos Fausto (2000: 30-36) declarou que “o Amazonas é o nosso

Nilo”, mas os indígenas são excluídos do passado brasileiro assim como os árabes são no Egito.

A propagação do Kardecismo no século XX também contribuiu para o apelo popular do Egito. No fim do século XIX, o espiritismo de Alan Kardec, nascido na França, chegou ao Brasil. Essa religião mesclava uma concepção cármica de inspiração Hindu com preceitos católicos e um pouco do racionalismo de século XIX. O espiritismo kardecista floresceu no Brasil. Ela foi, no começo, uma religião de classe média, porém também tinha negros e pobres entre os seguidores (PRANDI, 1997). Kardecismo é uma religião baseada na crença da comunicação com os espíritos de pessoas mortas e é inspirada parcialmente nos conceitos da Ka/Ba dos antigos egípcios. Kardecismo, ou espiritismo, foi desenvolvido como um movimento religioso na França, encabeçada por Hippolyte Leon Dénizard Rivail, nascido em Lyon, em 1804. Sobre o nome adotado de Allan Kardec, a doutrina religio-filósófica da transmigração de almas foi enormemente bem sucedida no Brasil, desde o meio do século XIX (HESS, 1991). O *Livro dos Mortos* é um dos livros lidos pelos kardecistas como fonte de sua crença. Romances de ambos autores, brasileiros ou estrangeiros, com enredo ambientados no Antigo Egito são populares. O mais popular, considerado um livro espírita clássico, é o *A Voz do Antigo Egito*, republicado várias vezes desde 1946 (LORENZ, 1946). Filmes hollywoodianos com temas egípcios atraíram gigantes públicos no Brasil através do século XX (FUNARI, 2008). Livros escolares sobre o Antigo Egito foram traduzidos para o português e, de 1980 para frente, vários livros foram publicados por brasileiros (e.g. CARDOSO, 1982). O principal museu de arqueologia no país, o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo, fundado na década de 1960, tem uma seção de antiguidades egípcias. Esta seção é a mais popular da exposição.

A seção egípcia do museu faz o mesmo papel do que os capítulos sobre o Egito nos livros didáticos: ela está lá para lembrar as pessoas de que a história brasileira começa com o Antigo Egito. Hoje, há vários egiptólogos no Brasil, alguns deles trabalhando com estudiosos bretões e franceses, como

CARDOSO (1986), BAKOS (1993), BRANCAGLION (1993) e GRALHA (2002). Nos últimos anos, vários livros infantis sobre o Egito têm sido publicados, alguns deles escritos por brasileiros (e.g. Raquel Funari, 2001).

Nos últimos anos bancas de jornal têm vendido uma revista semanal focada unicamente no Antigo Egito. Cada volume apresenta vários tópicos relacionados ao Antigo Egito e a cada quatro semanas em média, o leitor também ganha uma pequena reprodução de um artefato egípcio, algo como uma estátua de um Deus ou uma Deusa do Egito. Em 2001, aconteceram duas grandes exposições com antiguidades do Egito em São Paulo, atraindo mais visitantes do que qualquer exposição do gênero. Uma foi realizada no Museu de Arte São Paulo (MASP) e a outra em uma instituição privada, a Fundação Álvares Penteado (Faap), ambas com ajuda de várias instituições pública e privadas e presididas pelo Egíptólogo Brasileiro Antonio Brancaglioni. A coleção veio do Louvre assim como de outras coleções nacionais. As imagens associadas com estas exposições eram a da grandiosidade de nossos antepassados, os antigos egípcios.

A cultura material egípcia desempenha um papel único no Brasil, bastante distinta de outros países Latino Americanos. Há estudos de alto nível sobre Egíptologia em outros países da América do Sul, particularmente na Argentina. O Conselho Nacional de Investigações Científica e Técnicas (CONICET) ampara vários projetos de Egíptologia (cf. CAMPAGNO, 2006). No entanto, na Argentina assim como nos outros países de língua espanhola na América Latina, o Egito não desempenha um papel na construção da identidade popular.

## ALUNOS BRASILEIROS E EGITO: UM ESTUDO DE CASO

O Antigo Egito é um tema importante para alunos brasileiros (FUNARI, 2006). Os programas de História geralmente incluem uma discussão sobre a cultura e a história egípcia e o assunto geralmente é estudado novamente por estudantes da quinta ou sexta série e de novo por alunos do Ensino

Médio. A percepção dos alunos é moldada por vários fatores, não menos importantes são suas experiências religiosas e sociais. A religião desempenha um papel particularmente importante, pelo fato do Antigo Egito ser um assunto das escolas dominicais protestantes, bem como no catecismo católico e em outras crenças também, por exemplo, o Kardecismo e o Judaísmo. Em relação às desigualdades sociais, vários alunos interpretam temas egípcios como uma alegoria para sua situação subalterna. Por último, mas não menos importante, diferenças de gênero também estão relacionadas com as percepções do Antigo Egito, as garotas estão geralmente interessadas em aspectos culturais, enquanto os garotos em assuntos militares (FUNARI, 2008a; 2008b).

Narrativas sobre o passado são uma série de argumentos sobre o mundo e a sociedade, e estes podem ser interpretados de várias formas com diferentes entendimentos. Os livros são uma parte da estratégia de desenvolvimento da aprendizagem. A ferramenta básica para o entendimento de Arqueologia e História como uma narrativa do passado. O que é escrito e ensinado sobre o passado dessa maneira é conectado com atual realidade. Para o estudo de História Antiga em geral e do Egito Antigo em particular, a Arqueologia desempenha um papel especial nos livros usados pelos alunos brasileiros. Interessantemente, a materialidade dos antigos egípcios é agora cada vez mais usada para desafiar desigualdades sociais e para nutrir o pensamento crítico, respeitar a diversidade cultural, e justiça de gênero, racial e religiosa.

No livro didático *Navegando Pela História* de Sílvia Panazzo e Maria Luisa Vaz (2004, p. 85), propõe-se que o aluno imagine que é dono de uma agência de viagem. Deve, em seguida, escrever um pequeno texto sobre o Egito Antigo, para atrair o interesse dos turistas. No folheto de divulgação, deve incluir passeios pelo rio Nilo, visitas a pirâmides, a templos e outros monumentos do Reino Médio. O aluno e seus colegas de grupo devem acrescentar fotos dos lugares a serem visitados. Em cada foto, devem escrever uma nota explicativa com a importância dos lugares a serem visitados e sobre as mudanças que aconteceram na sociedade egípcia.

Esta é uma proposta interessante já que dá a chance de lidar com conceitos essenciais no aprendizado do passado, como o tempo, imagens e estatísticas. Os alunos aprimoram o vocabulário e acima de tudo, o fazem de uma maneira divertida. A inclusão do Egito de hoje em dia como tema de interesse é também louvável, considerando que os estudantes são encorajados a entender o Antigo Egito no seu dia-a-dia em um contexto material e social. O lado negativo da atividade proposta é uso subconsciente do viés de classe, devido ao aluno ser encorajado a se considerar um proprietário, o dono de uma agência de turismo, não um trabalhador normal. Considerando que a maioria dos estudantes são pobres ou de classe média, esse viés deve ser relacionado com o etos aristocrático, permeando relações sociais no Brasil, como sugerido pelo antropólogo Roberto DaMatta (1991).

No livro didático *História em documento, imagem e texto* ("History Through Documents, Image and Text") de Joelza Rodrigues (2004, p. 115), há uma breve passagem sobre "valores". Os alunos são pedidos para comparar os conteúdos de um texto histórico para as regras de comportamento social de hoje. Este exercício encoraja os alunos a expressarem seus próprios pontos de vista, em relação a uma sequência de sentenças atribuídas aos antigos egípcios (e supostamente achadas escritas em sarcófagos). A pessoa morta, de acordo com o exercício: "não cometeu atos infieis contra outros", "não machucou animais", "não praticava atos maléficis", "não contribuía para o empobrecimento de outros", "não levou ninguém a chorar ou a sofrer" e "não matou ninguém".

Os alunos eram então perguntados a responder uma série de perguntas: "Pense sobre cada frase. Uma pessoa falecida quando cara-a-cara com Deuses e Deusas fala essas frases? Quais dessas ações poderiam resultar em punição? Quais seriam consideradas fieis mesmos se não contida na lei?" O estudante é encorajado a pensar que o morto teria que se deparar com um Deus na pós-morte, e que teria que responder por suas ações durante a vida. Esta atividade claramente mostra a importância de normas sociais, no Egito e hoje, e pode levar os

alunos a considerar se hierarquias sociais, no Egito e no Brasil, deveriam ser características naturais, preservadas e respeitadas.

No livro didático *Nova História Crítica* ("New Critical History") de Mário Schmidt (2004, p. 98, 2001), há o item "Reflexões Críticas", no qual uma interessante reflexão sobre racismo é proposta baseada no Antigo Egito. O Egito é caracterizado como uma grande civilização negra, mas cujos atores em filmes e novelas costumam ser brancos e mesmo de olhos claros. Mostra-se uma escultura com dois nobres egípcios que apresentam claras características negras, nos lábios e cabelos. O livro ressalta que o viés europeu, muitas vezes, escondeu o caráter africano da civilização egípcia.

Em uma sociedade como a do Brasil, aonde preconceito racial normalmente é escondido, esta atividade gera a possibilidade de uma discussão de importância dos pontos em comum quando se compara o Brasil com essa grande civilização no continente africano, stigmatizado pela escravidão (BERNAL, 1996 e 2005; CASTILHOS, 1984). Ele também dá a oportunidade de mostrar como as imagens do passado são subjetivamente criadas.

Evidência material também tem sido usada para criar o pensamento crítico sobre o papel do Egito no Brasil. Na Coleção "A vida no tempo dos deuses" ("Life in the Time of the Gods"), Funari publicou o livro *O Egito dos faraós e sacerdotes* ("Egypt of pharaohs and priests") (FUNARI, 2001), feito para alunos com idade de 11 anos. O livro atrai muito para a materialidade do Egito Antigo. Ele tem como alvo mostrar a diversidade dos aspectos culturais da sociedade egípcia e o papel de artefatos comuns em moldar as identidades religiosas. A Materialidade é usada para fomentar a discussão da diversidade de gênero, social e religiosa no Brasil passado e presente. Essa aproximação arqueológica salienta identidades transformacionais e híbridas, relacionando os assuntos egípcios com as relações de poder dos dias de hoje.

Todas estas atividades estão relacionadas com os *Parâmetros Curriculares Nacionais*, que são as instruções dadas pelo governo. Estas propõem que

temas multiculturais sejam explorados na sala de aula, bem como os conceitos de diversidade cultural e cidadania. É sabido que as pessoas constroem suas identidades através da história. A história como uma narrativa sobre o passado em interpretação, o trabalho de historiadores e arqueólogos, mas também de pessoas comuns e os alunos, assim como outros discursos sobre o passado são.

## CONCLUSÃO

Ultimamente, a fascinação brasileira com todas as coisas egípcias se resume a questões de hierarquia e desigualdade. O Egito como a terra dos faraós e pirâmides de um lado, e os comum fellahs do outro, de uma maneira que reflete a sociedade brasileira contemporânea. Autoridades e monumentos são tão distantes para pessoas comuns quanto era o faraó para is fellahs. Aquelas mesmas autoridades brasileiras, que podem se associar com os judeus escravizados. O presidente brasileiro Luis Inácio Lula da Silva (2003-2010) nesse caso pode interpretar o papel da figura moderna de Moisés, liberando as massas contra a escravidão secular. A Arqueologia tem tido um papel em discutir a cultura material de hoje, a luta contra a opressão durante a ditadura e outros assuntos relevantes (FUNARI *et al.*, 2009), mas ela também tem um importante papel a desempenhar em lidar com a relevância contemporânea de tópico aparentemente tão distantes como o Egito Antigo.

### Past presente: Egypt in Brazil

**Abstract:** The paper considers archaeology as a product of social interaction and discusses how ancient Egypt materiality has been important for identity building in Brazil. It starts by discussing the theoretical setting. A postmodern approach enables to understand the social context of archaeological uses. The paper then turns to the trajectory of Egyptian antiquities and egyptomania in Brazil, since the 19th century, highlighting the role of some cultural movements, such as Kardecism, a Spiritist religiosity inspired in ancient Egypt. The use of Egyptian subjects is related to the social imbalances, racism and gender bias in Brazil. A case study is then dealt with,

studying recent trends in school textbooks relating to ancient Egypt, particularly how materiality can be useful for challenging social imbalances in the past and in the present. The paper concludes by aiming at fostering new, critical approaches to the use of ancient Egyptian subjects in Brazil.

**Key-words:** Ancient Egypt; Brazilian identities; social imbalances; racism; gender bias; materiality.

## REFERÊNCIAS

- ARNOLD, J.H. **History**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- AUGÉ, M.; COLLEYN, J.P. **L'Anthropologie**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- BAKOS, M. The significance of wine drinking in love and daily life in Ancient Egypt. **Atti del Sesto Congresso Internazionale di Egittologia**, Turin, 1993, p. 91-94.
- \_\_\_\_\_. (1996). A Coleção Egípcia do Museu Nacional do Rio de Janeiro. In: BAKOS, M. **Fatos e Mitos do Antigo Egito**. Porto Alegre: EDIPUC, 1996, p. 86-96.
- \_\_\_\_\_. Three Moments of Egyptology in Brazil. **Proceedings of Seventh International Congress of Egyptologist 3-9** (September), 1998, p. 87-91.
- \_\_\_\_\_. Egyptianizing motifs in architecture and art in Brazil. In: HUMBERT, J.-M.; PRICE, Clifford (ed). **Imhotep Today, Egyptianizing architecture**. London: UCL Press, 2003, p. 231-245.
- \_\_\_\_\_. **Egiptomania, O Egito no Brasil**. 1a. ed.. São Paulo: Contexto, 2004.
- BELTRÃO, M.C.; KITCHENS, K.. **Catálogo da Coleção do Egito Antigo existente no Museu Nacional**. Rio de Janeiro: Wiltshire, Aris & Phillips, 1990.
- BERNAL, M. **Atenea Negra**. Barcelona: Crítica, 1996.
- \_\_\_\_\_. A imagem da Grécia antiga como uma ferramenta para o colonialismo e para a hegemonia europeia. In: FUNARI, P.P.A. (ed.) **Repensando o Mundo Antigo IFCH/UNICAMP**, Campinas, 2005, pp. 13-32.
- BRANCAGLION, A. O livro do Am-Duat e o destino póstumo do rei. **Clássica**, 2, 1993, 303-317.
- BROGGIO, C. ; DROULERS, M. **Le Brésil**. Paris: Presses Universitaires de France, 2004.
- CAMPAGNO, M. **La historia antigua no es superflua**. Disponível em: <<http://www.conicet.gov.ar/diarios/2006/febrero/046.php>>, 2006.
- CARDOSO, C.F.S. **O Egito Antigo**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

\_\_\_\_\_. Les communautés villageoises dans l'Égypte ancienne. *Dialogues d'Histoire Ancienne*, n. 12, 1986, p. 9-31.

CASILHOS, J.J. Los antiguos egípcios, negros o blancos?. *Aegyptus Antiqua*, n. 5, 1984, p. 14-18.

CLARKE, D. Archaeology: the loss of innocence. *Antiquity*, n. 47, 1973, p. 6-18.

DAMATTA, R. **Carnival, rogues and heroes**. An interpretation of the Brazilian dilemma. Notre Dame: Notre Dame University Press, 1991.

FAUSTO, C. **Os Índios antes do Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2000.

FAZZINI, R. L'égyptomanie dans l'architecture américaine. In: Humbert, J.M. (ed.) **L'Égyptomanie à l'épreuve de l'archéologie**. Bruxelles: Éditions du Gram, 1996.

FOUCAULT, M. (1984). In: Rabinow, P. (Org). **The Foucault Reader**. Penguin, Harmondsworth.

\_\_\_\_\_. **Remarks on Marx, Conversations with Duccio Trombadori**. New York: Semiotext(e), 1991.

FUNARI, P.P.A. European archaeology and two Brazilian offspring: classical archaeology and art history. *Journal of European Archaeology*, n. 5, v. 2, 1997, p. 137-148.

\_\_\_\_\_. Brazilian archaeology, a reappraisal. In: ALBERTI, B.; POLITIS, G. (eds). **Archaeology in Latin America**. London & New York: Routledge, 1999, p. 17-37.

\_\_\_\_\_. Review of "Archéologie nazie en Europe de l'Ouest". *Public Archaeology*, n. 7, 2008, 135-138.

\_\_\_\_\_; SALERNO, M.; ZARAKIN, A. **Memoires from Darkness: Archaeology of Repression in Latin America**. New York: Springer, 2009.

FUNARI, R.S. **O Egito dos Faraós e Sacerdotes**. São Paulo: Editora Atual, 2001.

\_\_\_\_\_. **Imagens do Egito Antigo**. São Paulo: Anablume/FAPESP, 2006.

\_\_\_\_\_. Egypt and Brazil: an educational approach. In: FUNARI, P.P.A.; GARRAFFONI, R. S.; LETALIEN, B. (eds). **New perspectives on the Ancient World**. 1 Oxford: Archaeopress, 2008, p. 73-76.

FUNARI, P.P.A.; CARVALHO, A.V. **Palmares, ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

GALATY, M.; WATKINSON, C. **Archaeology under Dictatorship**. New York: Springer, 2006.

GAMBLE, C. (1995). General editor's preface. In: UCKO, P. J. (ed). **Theory in Archaeology: a world perspective**. London: Routledge, 1995, p. xv-xvii.

GRALHA, J.C. **Deuses, Faraós e o Poder: Legitimidade e Imagem do Deus Dinástico e do Monarca no Antigo Egito 1550-1070 a.C.** 1. ed. Rio de Janeiro: Barroso Produções, 2002.

\_\_\_\_\_. A Cultura Material do Cotidiano: Espaço Urbano e Moradias no Egito Faraônico. In: FUNARI, P.P.A.; FOGOLARI, E. P. (eds.) **Estudos de Arqueologia Histórica**. 1 ed. Erichin: RS: Habitus, 2005, p. 115-132.

HAMILTON, P. **Historicism**. London: Routledge, 2003.

HESS, D. J. **Spirits and scientists: Ideology, Spiritism, and Brazilian Culture**. State College: Penn State Press, 1992.

HINGLEY, R. **The Recovery of Roman Britain, 1586-1906. A colony so fertile**. Oxford: Oxford University Press, 2008.

HINGLEY, R. (in press). Colonial and post-colonial archaeologies. In: GARDNER, A; LAKE, Mark; SOMMER, Ulrike (ed.). **The Oxford Handbook of Archaeological Theory**. Oxford: Oxford University Press.

HUMBERT, J.M. **Egyptomania. Egypt in Western Art**. Ottawa: Éditions de la Réunion des Musées Nationaux, 1994.

\_\_\_\_\_. **L'Égyptomanie à l'épreuve de l'archéologie**. Bruxelles: Éditions du Gram, 1996.

JENKINS, K. **Re-thinking history**. London: Routledge, 1999.

KITTSTEINER, H. D. Was heisst und zu welchem Ende studiert man Kulturgeschichte? *Geschichte und Gesellschaft*, n. 23, 1997, p. 5-27.

LEGENDRE, J.P.; OLIVIER, L.; SCHITZLER, B. (eds). **L'Archéologie nazie en Europe de l'Ouest**. Paris: Infolio, 2007.

LORENZ, F. V. **A Voz do Antigo Egito**. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, 1948.

MONBEIG, P. **Le Brésil**. Paris: Presses Universitaires de France, 1976.

MUNSLOW, A. **Deconstructing History**. London: Routledge, 1997.

PANAZZO, S.; VAZ, M.L. **Navegando Pela História, 5a. série**. São Paulo: Quinteto, 2004.

PRANDI, R. The expansion of Black religion in White society, Brazilian popular music and legitimacy of can-domblé. **20th Latin American Studies Association**, 1997.

PROUS, A. L'archéologie brésilienne aujourd'hui. In: CARVALHO, S.; LÉVÊQUE, P.; TRABULSI, J. A. D. **Recherches Brésiliennes**. Besançon: Université de Besançon, 1994. p. 9-43.

RODRIGUES, J. **História em Documento**, 5a. série. São Paulo: FTD, 2004.

SABALLA, V. Egiptologia no Rio Grande do Sul. *In*: BAKOS, M.; POZZER, K. **III Jornada de Estudos do Oriente Antigo**. Porto Alegre: EDIPUC, 1998.

SANOJA, M.; VARGAS, I. Education and the political manipulation of history in Venezuela. **Archaeology and Education**, n. 2, 1990, p. 50-60.

SCHMIDT, M. **Nova História Crítica**, 5a. série. São Paulo: Editora Nova Geração, 2004.

SHAW, I. **Ancient Egypt**. Oxford: Oxford University Press, 2004.

UCKO, P. J. Introduction: archaeological interpretation in a world context. *In*: UCKO, P.J. (ed.). **Theory in Archaeology. A world perspective**. London: Routledge, 1995, p. 1-27.

\_\_\_\_\_. Series editor's foreword. *In*: HUMBERT, J.-M. ; PRICE, C. (ed). **Imhotep Today, Egyptianizing architecture**. London: UCL Press, 2003, p.231-245.

VEIT, U. Ethnic concepts in German prehistory: a case study on the relationship between cultural identity and archaeological objectivity. **Archaeological Approaches to Cultural Identities**. London: Unwin Hyman, 1989, p. 35-56.